

Notícias da Habitação

Assessoria de Imprensa

Secretaria Municipal de Habitação

06 de maio de 2008

nº48

Bairro da Liberdade terá revitalização urbana



Projeto do Caminho do Imperador

Aprovado pela CPPU – Comissão de Proteção à Paisagem Urbana, de acordo com as regras da Lei Cidade Limpa, o projeto de revitalização arquitetônica e urbanística do bairro da Liberdade recebeu como presente, no âmbito das comemorações do Centenário da Imigração Japonesa, a assinatura do termo de cooperação pelo prefeito do Município. As obras têm início em maio. Prefeitura, sociedade civil e setor privado estão unidos na ação, que dará uma configuração inteiramente num dos mais tradicionais bairros de São Paulo. Com a assinatura, a ONG Instituto Paulo Kobayashi fará a captação de recursos de empresas privadas. O projeto, que recebeu o nome de "Liberdade – Caminho do Imperador", uma referência à visita feita pelo soberano do Japão a São Paulo, há dez anos, prevê o restauro e recriação de fachadas de lojas e prédios, luminárias, portais, quatro viadutos, praças, calçadas e jardins com características da arquitetura oriental. Com a revitalização, a praça Almeida Júnior será o

espaço de lazer e confraternização da comunidade. Nela, será esculpida uma estátua do Buda com altura de seis metros, posta numa fonte com flores de lótus. No caminho percorrido pelo imperador quando de sua visita serão plantadas 4 mil árvores tradicionais do oriente. O projeto terá seu lado high tech com a instalação de equipamentos de comunicação e iluminação, que valorizam signos da cultura oriental e seu calendário de festividades. Está orçado em R\$ 55 milhões, divididos em dez cotas de R\$ 5,5 milhões pela ONG. Apresentado à comunidade, o projeto despertou envolvimento, foi bastante discutido e obteve adesão expressiva do setor privado. As empresas cooperadoras terão direito a expor uma placa de metal na obra patrocinada.



Projeto da Praça Almeida Júnior

Comissão de Movimento de Moradia é recebida em SEHAB para discutir propostas

Na quarta-feira, 23, uma comissão do Movimento União Nacional por Moradia Popular foi recebida na SEHAB. A reunião foi conduzida pela superintendente de habitação popular da SEHAB, Elisabete França e pelo diretor Comercial Social da Cohab, Walter Abrahão Filho. Evanisa Rodrigues, da secretaria executiva do Movimento, trouxe uma pauta de solicitações, entre elas a retomada de mutirões, retomada de empreendimentos no Centro, retomada do programa de Locação Social e participação popular no projeto de Urbanização de Favelas. A reunião se deu em decorrência das reivindicações dos movimentos de moradia. No que diz respeito ao Plano Habitacional da Prefeitura Municipal de São Paulo, este é o maior investimento já feito em habitação. Nunca antes houve investimentos tão grandes na Pasta, que hoje representam 4% do orçamento. O Programa de Urbanização de Favelas, carro chefe da SEHAB, é o maior programa do tipo em curso no Brasil e na América Latina. São 40 áreas em obras e 130 mil famílias atendidas em quatro anos. Quanto ao primeiro item da pauta, Walter Abrahão Filho explicou que mais de 90% dos mutirões estão em obras. Em novembro de 2004, foram licitadas obras em 55 mutirões, mas não previu-se recursos para tanto. Em 2005, a atual gestão estabeleceu parceria com a CDHU e buscou recursos junto ao Fundo Municipal de Habitação para iniciar obras em 50 mutirões (cinco áreas apresentam problemas fundiários). Foi explicado aos representantes do Movimento que o Programa de Locação Social continua em vigor e estuda-se reformá-lo, deixando-o voltado para idosos, a exemplo do que é desenvolvido na Vila dos Idosos, programa piloto nesse formato. A superintendente de Habitação, Bete França, esclareceu que todo o programa de urbanização de favelas prevê e tem a participação da comunidade. É a população que acompanha e opina sobre o projeto que será desenvolvido nas áreas de favelas, trazendo sugestões e adaptações, quando necessário, a exemplo do que ocorreu em Vila Nilo, Jd. Olinda, Vitotoma, Sta. Inês, para ficarmos em apenas alguns exemplos. O diretor de Cohab, Walter Abrahão Filho, lembrou ainda que todos os movimentos de moradia estão representados no Conselho Municipal de Habitação (ocupam 16 cadeiras), que delibera sobre investimentos e obras em habitação.



Reunião em SEHAB

Problema das favelas na cidade pode ser resolvido em 16 anos, afirma superintendente de Habitação

Elisabete França, superintendente de habitação popular da SEHAB afirma que se os investimentos continuarem no mesmo ritmo de hoje, em 16 anos, todas as favelas da capital estarão transformadas em bairro. Na entrevista a seguir, Bete França destaca a importância do Programa de Urbanização de Favelas.



P: Em 16 anos o problema habitacional pode mesmo estar resolvido?

R: Eu acredito que sim, se os investimentos continuarem na mesma proporção. Se estamos atendendo 130 mil famílias em quatro anos, em mais 16 anos é possível resolver os problemas das famílias que vivem em favelas, loteamentos de baixa renda e cortiços, desde que os investimentos continuem no ritmo atual. E também, que os programas que estão em desenvolvimento tenham continuidade. Aí, a meta é bem factível.

P: Na semana passada, alguns movimentos de moradia invadiram prédios na cidade, reivindicando atendimento habitacional. Estiveram aqui na SEHAB com uma pauta de reivindicações, mas a Prefeitura tem o maior conjunto de obras de urbanização do país. Qual é a importância disso?

R: Quando chegamos, em 2005, fizemos um diagnóstico detalhado de favelas, loteamentos, cortiços, etc. Com esse resultado em mãos, elaboramos o plano estratégico para a habitação da cidade de São Paulo, que tem uma grande importância porque atua sobre uma realidade e não sobre números fictícios. Fomos buscar recursos com a CDHU, apresentamos proposta junto ao PAC e conseguimos aumento de investimentos no orçamento da Prefeitura. Também decidimos trabalhar no campo da provisão habitacional através da COHAB e da CDHU. Fizemos o Conselho Municipal de Habitação atuar, discutimos as propostas no CMH, junto com os movimentos. Não vejo sentido nas invasões como forma de reivindicação. Existem outros canais mais eficazes.

P: Urbanizar é a melhor maneira de resolver o problema habitacional?

R: A urbanização é uma das formas de intervenção nas áreas mais carentes, cujo custo-benefício permite uma universalização ao acesso à infra-estrutura pública. A urbanização traz grandes benefícios não só para os moradores, mas para a cidade inteira e todos que vivem nela. É uma ação que tem um benefício que é extensivo à sociedade toda.

Sempre tentamos trabalhar com o menor número possível de remoções. Queremos atender os moradores na própria área, mas nem sempre o que queremos é possível.

P: E as obras no Centro?

R: Fizemos um programa de intervenções na área central, em sintonia com o programa Programa de Cortiço, da CDHU. As sub-prefeituras da Mooca e da Sé, juntamente com a SEHAB já intimaram mais de dois mil proprietários de cortiços. Na Mooca, 158 cortiços se encontram em reforma, que irão atender 829 famílias; na Sé, já são 18 imóveis em reforma que irão beneficiar 99 famílias.

P: E os conjuntos habitacionais, os chamados Cingapuras?

R: Temos o Projeto 3Rs – recuperação do crédito, revitalização do empreendimento e regularização fundiária. É bom lembrar que estamos recuperando o patrimônio público que há anos estava degradado. Estamos recuperando 10 empreendimentos do Cingapura, com o objetivo de até o final do ano fazer a comercialização das unidades.

P: Mesmo com todos os pontos positivos, ainda há críticas em relação a urbanização.

R: Mas são raras. Algumas pessoas acham, equivocadamente, que a urbanização aumenta e incentiva mais invasões e com isso acreditam que as favelas estejam crescendo. Isso não é verdade. É um engano enorme. As favelas não estão crescendo e temos números que provam isso. Pode haver, isso sim, um crescimento vegetativo que é normal em toda população. Ou seja, as crianças crescem, casam e têm filhos. Com isso, aumenta o número de moradores, mas não o número de favelas. Veja, a cidade tem 1.500 km² de área e apenas 23km² são ocupados por favelas. Isso é ínfimo. Como se vê, urbanizar é transformar a favela em bairro, mas mais que isso, é resgatar pessoas e a própria cidade.

Secretário de Habitação

Orlando Almeida

Textos

Gisleine Caron
Graco Braz Peixoto

Diagramação, Imagens e Apuração

Ericka Rocha
Patrícia Gelmetti

Estagiários

Ericka Rocha
Thales Brandão

Coordenação Geral

Gisleine Caron

Secretário Adjunto

Elton Santa Fé Zacarias